



Cinema & Território

Revista internacional de arte e antropologia das imagens

N.º 10 | 2025

VARIA

Com Tempo para o Tempo: Pensamento Crítico e Literacia Visual em *Desde 1880*

Carla NUNES

OJS - Edição eletrónica

URL: <https://ct-journal.uma.pt>

DOI: 10.34640/ct10uma2025nunes

ISSN: 2183-7902

Editor

Universidade da Madeira (UMa)

Referência eletrónica

Nunes, C. (2025). Com Tempo para o Tempo: Pensamento Crítico e Literacia Visual em *Desde 1880*. *Cinema & Território*, (10), 93-108.

<http://doi.org/10.34640/ct10uma2025nunes>

18 de dezembro de 2025



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

Com Tempo para o Tempo: Pensamento Crítico e Literacia Visual em *Desde 1880*

Carla NUNES

Universidade Aberta (UAb)

cmgnunes@gmail.com

Resumo: Num tempo marcado pela abundância de imagens, assistimos, paradoxalmente, a uma crescente dificuldade em interpretá-las de forma crítica. A aceleração do consumo informativo, moldada por conteúdos descartáveis e de leitura imediata, compromete a construção de sentido e dilui a profundidade da experiência visual. Este artigo propõe uma leitura crítica da obra *Desde 1880*, de Pietro Gottuso (2021), à luz da literacia visual e da interpretação consciente da imagem. Com base na análise de uma narrativa visual não verbal, em que a sucessão de imagens retrata um mesmo cenário urbano ao longo de 140 anos, investiga-se de que forma esta estrutura desafia o leitor a construir significados a partir de fragmentos visuais. A ausência de texto, aliada ao rigor documental da ilustração, exige um olhar demorado e analítico, promovendo competências de leitura crítica e uma relação ativa com o tempo e a memória social. Com uma abordagem hermenêutica, ancorada na cultura visual e no pensamento crítico, destacam-se como principais contributos o papel da imagem como registo simbólico de transformação histórica e a relevância do livro-álbum enquanto espaço de resistência à superficialidade do olhar. Por fim, sublinha-se a importância da mediação da leitura na promoção de uma prática interpretativa mais consciente e reflexiva.

Palavras-chave: livro-álbum, pensamento crítico, literacia visual, narrativa visual, mediação da leitura

Abstract: *In an era marked by the overabundance of images, we paradoxically witness a growing difficulty in interpreting them critically. The acceleration of information consumption, shaped by disposable and instantly readable content, undermines the construction of meaning and weakens the depth of visual experience. This article offers a critical reading of *Desde 1880*, by Pietro Gottuso (2021), through the lens of visual literacy and conscious image interpretation. Based on the analysis of a non-verbal visual narrative, in which a fixed urban scene unfolds over 140 years, it examines how this structure challenges the reader to construct meaning from visual fragments. The absence of text, combined with the documentary precision of the illustrations, demands a slow and analytical gaze, fostering critical reading skills and an active relationship with time and social memory. Grounded in a hermeneutic approach informed by visual culture and critical thinking, the article identifies the image as a symbolic record of historical transformation and the picture book as a space of resistance to the superficiality of contemporary visual perception. Finally, it highlights the role of reading mediation in encouraging a more conscious and reflective interpretative practice among readers from diverse educational and cultural contexts.*

Keywords: *picture books, critical thinking, visual literacy, visual narrative, reading mediation*

Nesta nossa atualidade marcada por uma intensa proliferação de imagens, a presença da visualidade parece assumir contornos paradoxais. Por um lado, os estímulos visuais multiplicam-se em todos os domínios, dos *media* ao espaço público, das redes sociais ao universo editorial, tornando a imagem um elemento estruturante das práticas culturais e comunicacionais. Por outro lado, esta omnipresença não garante, por si só, uma literacia visual crítica.

O olhar moderno, moldado por estímulos incessantes e fragmentados, perdeu a capacidade de se demorar no processo de interpretação. As imagens já não são contempladas: são simplesmente percorridas. Em vez de serem espaço de encontro e de sentido, tornam-se *flashes* fugazes que deslizam pelos ecrãs em *stories*, *reels* e fragmentos de realidade pré-formatada que não exigem grande significação ou envolvimento. Byung-Chul Han refere que “estamos a perder a paciência para escutar e, por consequência, a paciência para narrar” (2023, p. 15). Esta perda estende-se ao olhar, que já não vê, apenas consome. Já não interroga, apenas desliza. Já não constrói, apenas acumula.

A velocidade com que se consomem imagens, muitas vezes em fluxos descontínuos, pode dificultar a construção de leituras interpretativas profundas e o desenvolvimento de competências simbólicas capazes de produzir sentidos. É neste contexto que se torna fundamental pensar a imagem, não apenas como objeto de consumo, mas como prática discursiva e cultural que exige mediação, leitura atenta e envolvimento crítico.

Boaventura de Sousa Santos (2000) afirma que o conhecimento dominante tende a reduzir a complexidade do mundo a categorias funcionais, aceleradas e descartáveis, promovendo uma racionalidade indolente que desperdiça a experiência e fragiliza a construção de sentidos situados. Já a leitura crítica da imagem impõe um reposicionamento do olhar: menos reativo e mais interpretativo, menos imediato e mais relacional.

Neste contexto, torna-se urgente recuperar um olhar que seja capaz de escutar visualmente, de estabelecer relações entre o que vê e o que sente, de se demorar nos detalhes e de reconstruir sentidos a partir do silêncio e da sugestão. A literacia visual e o pensamento crítico emergem, por isso, como competências centrais para habitar uma cultura saturada de imagens (Santos, 2000; Elder, 2022). Pensar criticamente é, neste caso, ver criticamente. E ver criticamente implica um posicionamento ativo perante a imagem, uma disposição para ler além da superfície, para interrogar o visível e para reconhecer o invisível que o habita.

A cultura visual afirma-se hoje como um campo teórico e epistemológico incontornável na análise das práticas sociais, mediáticas e simbólicas que estruturam o modo como vemos e interpretamos o mundo. A imagem não é apenas um artefacto técnico ou estético: é um dispositivo cultural, produtor de sentido, atravessado por relações de poder, códigos simbólicos e convenções históricas (Benjamin, 2010; Campos, 2013; Mirzoeff, 2023). A cultura visual ultrapassa uma abordagem centrada na imagem em si, deslocando o olhar para os modos de ver, os dispositivos que regulam o visível e os contextos sociais que tornam certas visualidades possíveis, legítimas ou hegemónicas.

No contexto contemporâneo, marcado pela intensificação das redes globais de circulação cultural e pela ubiquidade das linguagens visuais, a cultura visual emerge como um campo privilegiado para compreender os modos como o mundo é simbolicamente representado, negociado e disputado. A globalização constitui hoje um eixo incontornável na análise da cultura visual, não apenas pela expansão planetária das tecnologias e dos dispositivos imagéticos, mas sobretudo pela centralidade crescente da imagem como signo primordial no contacto intercultural (Campos, 2013). Desta forma, a visualidade participa da construção simbólica das identidades e da mediação das diferenças, sendo ao mesmo tempo reflexo e agente das transformações sociais que caracterizam o presente.

Nesta perspetiva, as imagens participam da construção simbólica do mundo, sendo compreendidas como produtoras de significados e não como meros reflexos da realidade (Campos, 2013). Esta abordagem implica um afastamento da visão ocular centrista e universalista da imagem, adotando em seu lugar uma perspetiva situada, reflexiva e atenta à pluralidade dos contextos e dos sujeitos.

A cultura visual interessa-se igualmente pelos modos como as imagens circulam, são apropriadas, recebidas e consumidas socialmente (Campos, 2013), o que remete para a importância das práticas de mediação. Estas práticas também não são neutras, pois organizam os sentidos possíveis, moldam o olhar e participam na formação do sujeito leitor. A mediação da imagem deve ser entendida como prática política e cultural, comprometida com uma leitura plural, crítica e reflexiva.

Partindo deste referencial teórico, o presente artigo analisa a obra contemporânea *Desde 1880*, de Pietro Gottuso (2021), como artefacto cultural que mobiliza visualidades complexas, desafia leituras convencionais e interpela o leitor enquanto agente de construção simbólica. A investigação parte do reconhecimento da imagem como discurso e da cultura visual como espaço de disputa de sentidos, propondo uma leitura que integra análise semiótica, crítica simbólica e compromisso com a literacia visual. O objetivo é compreender como o livro-álbum em causa constrói sentidos a partir da imagem, ativando dispositivos de mediação intercultural e promovendo práticas de leitura crítica.

O livro-álbum como artefacto visual e mediador cultural

Os livros-álbum afirmam-se na contemporaneidade como territórios narrativos e visuais híbridos, onde a imagem desempenha um papel estruturante na produção de sentido (Ramos, 2020). Mais do que suportes da literatura para a infância, estas obras posicionam-se como espaços de deslocação discursiva. A tensão produtiva entre texto, imagem e composição gráfica convida o leitor a um exercício interpretativo ativo, mobilizando múltiplas competências de leitura (Beckett, 2013).

Esta configuração estética e discursiva desloca o livro-álbum do campo da literatura para a infância, posicionando-o como território híbrido, capaz de convocar múltiplas competências de leitura e de promover experiências interpretativas ativas (Ramos, 2020).

A estrutura multimodal do livro-álbum aproxima-o de outras linguagens visuais sequenciais, como a banda desenhada ou a novela gráfica, partilhando com estas uma gramática composicional baseada na sequencialidade, no ritmo visual e na justaposição de planos narrativos (Ramos & Navas, 2020). Contudo, é na sua condição híbrida, situada entre a literatura, as artes visuais e o *design* gráfico, que reside o seu maior potencial: o de reconfigurar os modos de narrar e as formas de receção, afirmando-se como formato em constante expansão, permeável à experimentação estética e conceptual (Ramos & Navas, 2020, p. 141).

Sandra L. Beckett (2013) reconhece esta vitalidade do livro-álbum contemporâneo, sublinhando o cruzamento entre criadores de diferentes áreas e a exploração de novas técnicas, formatos e *media*, que fazem deste formato um campo privilegiado de transformação narrativa e artística. Esta confluência de linguagens torna o livro-álbum um objeto exemplar para a análise cultural da imagem, ao condensar práticas de visualidade e estratégias de mediação que atualizam os repositórios simbólicos de uma sociedade (Beckett, 2013; Ramos, 2020; Mourão, 2023).

A leitura crítica do livro-álbum exige mais do que uma abordagem literária ou estética. Implica reconhecer a imagem enquanto narrativa visual, símbolo cultural e prática social em contexto. Para além do seu valor artístico, estes livros constituem-se como espaços de

problematização simbólica, onde se questionam representações normativas e se propõem outros modos de ver e pensar.

Mas que competências são necessárias para interpretar uma imagem que não serve apenas como ilustração, mas que opera como linguagem autónoma, com densidade ideológica e implicações culturais?

É neste ponto que o pensamento crítico se torna fulcral. Como sublinha Linda Elder (2022), pensar criticamente não é apenas reconhecer falhas argumentativas ao analisar o texto verbal. É ativar uma abordagem multidimensional, que exige do leitor a integração entre visualidade, contexto e posicionamento ético. O pensamento crítico, neste quadro, não se reduz à decifração de códigos, mas amplia-se como prática de leitura do mundo, do que é visível, do que é omitido e das condições em que se torna visível.

O livro-álbum surge, assim, como um campo de experimentação cognitiva e simbólica. Um território visual que desafia o leitor a ler para além das palavras, a ver criticamente e a pensar através da imagem. Esta capacidade de mobilizar o pensamento por via da imagem aproxima o livro-álbum de outras linguagens artísticas, como o cinema, enquanto espaços de formação crítica e de construção simbólica. Tal como aponta Paulo Alexandre e Castro (2016), a imagem, no contexto artístico, pode constituir um verdadeiro exercício de pensamento, ao estimular o questionamento, a reflexão e a consciência ética do sujeito-leitor.

Desde 1880, de Pietro Gottuso (2021) surge como um exemplo particularmente expressivo do potencial simbólico, estético e mediador do livro-álbum contemporâneo. A obra explora a articulação entre imagem, ritmo gráfico e silêncio narrativo, convocando o leitor para uma leitura interpretativa particularmente densa que convida a uma fruição lenta, a uma leitura que exige tempo, atenção e envolvimento (Beckett, 2013; Gutfreund & Mazzilli, 2021). Mais do que critérios técnicos, a sua escolha decorre do seu contributo para pensar o livro-álbum como território crítico de mediação visual e produção de sentido cultural.

Percurso metodológico e analítico

O percurso metodológico adotado procura responder diretamente aos objetivos do estudo, permitindo uma leitura crítica da obra selecionada tendo por base categorias que operacionalizam os conceitos de literacia visual, mediação simbólica e participação interpretativa.

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, enraizada no campo dos estudos da cultura visual e da investigação visual em ciências sociais (Campos, 2011; Rose, 2016; Rodrigues, 2022). Assume-se como campo de análise o espaço simbólico e discursivo da imagem no livro-álbum, entendendo-o como artefacto cultural e mediador visual-literário (Rodrigues, 2017).

A metodologia utilizada articula a análise semiótica da imagem, com base no modelo narrativo estrutural de Algirdas Julien Greimas (1975) e a abordagem multimodal proposta por Gillian Rose (2016). Enquanto a primeira permite compreender a produção de sentido como processo de transformação simbólica, a segunda convida a uma leitura integrada dos diferentes modos de significação (imagem, texto, espaço gráfico e ritmo sequencial), próprios da narrativa verbo-icónica. Esta abordagem é aplicada à imagem sequencial do livro-álbum, entendida como discurso visual com estrutura narrativa.

A leitura incide sobre as funções simbólicas das personagens visuais, as dinâmicas de oposição e os marcadores de progressão narrativa, entendendo o percurso visual como atualização icónica de um percurso gerador de sentidos. Esta opção metodológica é

justificada pela natureza híbrida do livro-álbum, cuja textualidade se constrói na interseção entre palavra, imagem, tempo e espaço gráfico.

Categorias de análise visual

A leitura da obra estrutura-se a partir de categorias que procuram tornar visível o modo como a narrativa mobiliza sentidos, afetos e posicionamentos. Não se trata apenas de descrever elementos visuais, mas de compreender como as imagens constroem o discurso, instauram regimes de visibilidade e convocam o olhar do leitor para uma experiência interpretativa concreta. Nesta abordagem, as personagens visuais, as tensões estruturantes, os ritmos narrativos e a progressão gráfica são pensadas como operadores simbólicos que dão corpo a uma textualidade híbrida, em que imagem e palavra se entrelaçam na produção de sentidos. A definição das categorias analíticas decorre, assim, de uma triangulação teórica que articula diferentes aportes metodológicos e permite observar o modo como esses elementos se organizam.

As categorias operatórias definidas foram organizadas a partir dessa triangulação teórica e incidem sobre seis dimensões fundamentais. A primeira dimensão a considerar diz respeito à articulação visual-textual, pelas relações que se estabelecem entre o texto verbal e a imagem. Maria Nikolajeva e Carole Scott (2006) propõem uma tipologia das relações entre texto e imagem no livro-álbum que permite compreender como diferentes modos de significação se articulam na construção narrativa. Estas relações não são meramente decorativas ou redundantes, mas configuram estruturas que afetam diretamente a posição do leitor e a produção de sentidos. Para além da simples correspondência entre palavras e imagens, as autoras alertam para a importância de considerar elementos como o ponto de vista, o cenário, o *layout* ou a caracterização das personagens, que influenciam a dinâmica verbo-icónica da obra. As primeiras três categorias da tipologia descrevem formas de articulação relativamente estáveis: a simetria, em que texto e imagem transmitem essencialmente a mesma mensagem; o realce, quando um modo amplia o outro; e a complementaridade, onde ambos se completam, eliminando espaços de ambiguidade e tornando o leitor mais passivo (Nikolajeva & Scott, 2006). Mais complexas são as diversas formas de contraponto, no qual texto e imagem divergem ou até colidem, criando tensões interpretativas ricas e produtivas. Este tipo de articulação, considerado pelas autoras como o mais fértil do ponto de vista narrativo, pode manifestar-se através de contradições entre enunciado verbal e representação visual, da coexistência de estilos ou registos contrastantes, de perspetivas narrativas divergentes, ou ainda por meio de efeitos metaficcionais e justaposições narrativas (Nikolajeva & Scott, 2006). Em todas estas variantes, o leitor é convocado a preencher e construir ativamente o sentido, sendo frequentemente confrontado com ambiguidade, ironia ou desconstrução simbólica.

A segunda categoria refere-se à sequência e ritmo gráfico da narrativa. A disposição das imagens ao longo do livro, o uso do virar da página, as pausas entre cenas, a repetição de enquadramentos e as variações composicionais são analisadas como dispositivos narrativos e temporais que estruturam a progressão simbólica da narrativa visual. Como sublinha Carina Rodrigues (2017), o ritmo do livro-álbum é um dos elementos que mais contribui para a organização do tempo e para a construção da experiência interpretativa do leitor. As ilustrações no livro-álbum, sobretudo nos narrativos, são pensadas de forma a explorar a continuidade da dupla página, convocando uma leitura sequencial que favorece a construção de ritmo e de progressão narrativa. Esta estrutura visual amplia as

possibilidades de expressão espaço-temporal, permitindo a sugestão de movimento e de transformação simbólica ao longo da narrativa (Rodrigues, 2017).

Complementarmente, um terceiro elemento de análise contempla os regimes de visibilidade, no sentido proposto por Ricardo Campos (2013), interrogando aquilo que é tornado visível ou deixado na sombra, o que é mostrado em primeiro plano e o que permanece fora de campo. Esta categoria permite explorar os dispositivos simbólicos e culturais que moldam o olhar do leitor e que organizam o visível como campo discursivo, nomeadamente através da composição da página ou da hierarquia visual dos elementos figurativos.

É considerada também a presença de metáforas visuais e dispositivos simbólicos, analisando os signos visuais enquanto construções ideológicas, filosóficas ou culturais. Com base na lógica estrutural do percurso de sentido proposta por Greimas (1975), procura-se compreender como os elementos visuais funcionam como signos conotativos, atualizando estruturas simbólicas que remetem para universos semânticos partilhados ou culturalmente situados. A narrativa visual será lida enquanto discurso simbólico, no qual a composição, a cor, a disposição espacial e as oposições estruturantes operam como marcas de sentido.

A categoria seguinte prende-se com a construção do olhar e a posição do leitor. Inspirada nos contributos de Stuart Hall (2010) e Rose (2016), esta dimensão analisa as estratégias visuais que interpelam o leitor, posicionando-o como observador distanciado, intérprete implicado ou mesmo cúmplice da narrativa visual. Interessa perceber que tipo de olhar é convocado pelas imagens e de que modo esse olhar organiza relações de poder, de empatia ou de desestabilização simbólica.

Por fim, é examinada a ambiguidade e a participação interpretativa promovidas pela narrativa visual. Como referem Nikolajeva e Scott (2006), o livro-álbum contemporâneo tende a valorizar a abertura semântica e a multiplicidade de sentidos, desafiando o leitor a produzir inferências, a assumir interpretações e a ocupar um lugar ativo na construção do sentido. A análise procurará identificar momentos de indeterminação narrativa, zonas de silêncio visual e dispositivos que solicitam uma leitura crítica e reflexiva.

Estas categorias foram operacionalizadas de forma analítica, permitindo descrever, interpretar e confrontar os elementos formais, simbólicos e discursivos que estruturam a experiência da leitura visual. A investigação procura, assim, contribuir para a valorização do livro-álbum como mediador cultural e instrumento de literacia visual, promovendo práticas de leitura e interpretação crítica.

Seleção do corpus

A constituição do *corpus*, na abordagem semiótica, não se define pela extensão, mas pela densidade estrutural e simbólica da narrativa. Greimas (1975) considera fundamental a delimitação de um “corpus experimental de dimensões reduzidas” (p. 234), capaz de sustentar uma análise aprofundada da produção de sentido. Seguindo esta orientação, a presente investigação elege como corpus uma única obra, *Desde 1880*, cuja riqueza estética e complexidade simbólica permitem ativar categorias de leitura visual crítica e interpretação narrativa.

Desde 1880, de Pietro Gottuso, foi publicado pela editora Kalandraka, distinguido com o XIII Prémio Internacional Compostela para Álbuns Ilustrados e encontra-se já traduzido em seis línguas. A obra apresenta uma narrativa silenciosa e sequencial, sem texto verbal, que documenta simbolicamente a passagem do tempo e as transformações sociais e culturais ao longo de várias décadas. Pela repetição do mesmo enquadramento visual, a

narrativa constrói-se como um percurso simbólico da memória e da mudança, instigando uma leitura crítica e sensível ao desaparecimento, à ausência e à recomposição do quotidiano. A obra foi escolhida pelo seu valor artístico e pela sua capacidade de provocar reflexão sobre o tempo como construção cultural e visual, bem como pela sua capacidade de promover leituras plurais e intergeracionais.

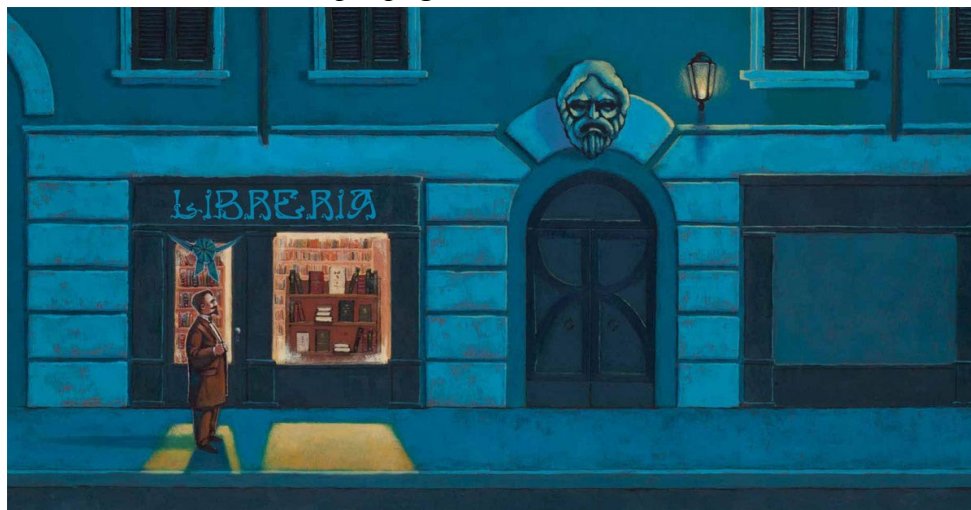
A obra em estudo (Gottuso, 2021) escapa aos códigos tradicionais da literatura para a infância e posiciona-se como uma obra que dialoga com leitores de diferentes idades e graus de literacia visual. Nesta linha, considerámos que seria objeto privilegiado para uma leitura semiótica e crítica, orientada por categorias como o ritmo gráfico, os regimes de visibilidade, a ambiguidade interpretativa e a posição do leitor.

Desde 1880, de Pietro Gottuso (2021)

O livro-álbum em análise acompanha a vida de uma livraria ao longo de várias décadas, desde o final do século XIX (1880), através de uma sequência visual repetida que enquadra sempre a mesma rua e fachada. A cada virar de página vemos alterações subtis no cenário, nas roupas das personagens, nos meios de transporte ou nos objetos expostos que sinalizam o passar do tempo e refletem transformações sociais e culturais mais amplas. Ao longo da narrativa, acompanhamos a livraria desde a sua inauguração até ao seu encerramento definitivo, assistindo à lenta erosão de um espaço cultural que vai sendo gradualmente privado de livros, de vida e de memória. A obra constrói assim uma linha narrativa marcada por uma silenciosa melancolia, em que a história de um espaço reflete, simbolicamente, a passagem do tempo e a fragilidade daquilo que permanece.

Figura 1

Dupla página inicial da obra¹



Nota: Abertura da livraria (c. 1880)

¹ Imagens reproduzidas com autorização do autor, Pietro Gottuso, exclusivamente para efeitos de publicação neste artigo.

Articulação visual-textual

O livro de Gottuso (2021) apresenta-se como um exemplo paradigmático de livro-álbum onde a ausência total de texto verbal desloca por completo a construção de sentidos para o plano visual. Neste quadro, a aplicação da tipologia de Nikolajeva e Scott (2006) requer uma leitura flexível da dinâmica interna das imagens e da forma como estas substituem a linguagem verbal. Num livro-álbum com presença textual explícita, a análise incidiria sobre os modos de consonância, contraste ou disjunção entre os dois sistemas de significação. Neste caso, embora não existam palavras, a narrativa visual não se apresenta como indeterminada: o encadeamento sequencial das imagens, organizado de forma repetitiva e composicionalmente constante, constrói uma estrutura narrativa coesa e progressiva. A cada virar de página, o leitor encontra uma nova variação sobre o mesmo espaço, a montra de uma livraria, segundo uma lógica que articula continuidade e contraste (Nikolajeva & Scott, 2006). A imagem assume, a totalidade da função narrativa, incorporando elementos que, noutras obras, seriam veiculados verbalmente: a passagem do tempo, a transformação social, a presença e desaparecimento de figuras e objetos ou o ritmo das mudanças no tecido urbano.

A repetição do enquadramento visual (fixo, frontal e constante) transforma-se num dispositivo de leitura que desloca o foco para a variação semântica subtil e para a perceção das mudanças acumulativas.

Neste cenário, a ausência de texto não representa uma negação do discurso, mas antes a sua integração plena na imagem, através de uma composição que mobiliza signos gráficos culturalmente codificados. Temos a perceção da passagem do tempo, desde 1880, pelos trajes, produtos, gestos, variações arquitetónicas subtis, sombras e silêncios figurativos. O livro-álbum constrói-se como uma forma de realce expandido, num desdobramento do modelo de Nikolajeva e Scott (2006), em que a imagem desempenha simultaneamente o papel narrativo e interpretativo.

Esta ausência de texto verbal cria uma complementaridade simbólica implícita pois o leitor projeta no silêncio da imagem aquilo que a linguagem verbal iria sugerir, preenchendo os hiatos com inferências, memórias culturais, referências históricas ou experiências subjetivas. Ao não recorrer à linguagem escrita, o álbum liberta-se de ancoragens linguísticas específicas e amplia o seu potencial de leitura intercultural (Mourão, 2023). O recurso exclusivo à imagem abre o livro a leitores de diferentes idades, origens e graus de literacia, permitindo uma mediação simbólica assente em repertórios visuais partilháveis e não em códigos verbais particularizados. O silêncio textual torna-se num espaço de abertura semântica, ativando uma leitura interpretativa e sensível.

Sequência e ritmo gráfico

A organização sequencial da obra (Gottuso, 2021) assenta numa composição ritmada, cuja aparente repetição estrutural constitui o motor narrativo da obra. Em cada dupla página, o leitor observa o mesmo enquadramento fixo ao longo de uma linha temporal não verbalizada, mas marcada por transformações. A narrativa avança pela acumulação de diferenças visuais dentro de uma estrutura gráfica constante, o que confere ao livro uma cadência rítmica fundada na repetição e na progressão icónica.

Rodrigues (2017) sublinha o papel essencial do ritmo gráfico na construção temporal da narrativa visual, sobretudo em obras que recorrem a mecanismos como a repetição, a pausa e o uso expressivo do virar da página. É precisamente esta dimensão que se torna central em *Desde 1880*: o virar da página funciona como um operador narrativo do tempo,

marcando os momentos de transição e reforçando o efeito de passagem histórica. O tempo é encenado, através das alterações em elementos como o vestuário, os produtos expostos ou mesmo os veículos.

A repetição opera como um dispositivo tensivo, na medida em que cada variação, ganha força narrativa e simbólica. Entre os elementos que encenam esta progressão temporal, destacam-se as transformações discretas na montra da livraria e espaço adjacente (quadros, rádios, computadores) que funcionam como marcadores simbólicos de cada época. Esta cadência é reforçada por marcas visuais pontuais que intensificam o ritmo simbólico da narrativa: o busto de Cronos, figura mitológica do tempo, permanece imóvel ao longo das páginas, funcionando como emblema visual da permanência num universo em constante transformação. No entanto, a sua expressão altera-se no final da obra, como se fosse ele próprio afetado pela dimensão trágica do encerramento da livraria. O ritmo gráfico estrutura a narrativa, mas também atua como agente de significação refletindo a passagem irreversível do tempo e a inscrição da memória no visível.

Regimes de visibilidade e metáforas visuais

Procurar os regimes de visibilidade permite identificar o que é representado, mas também, o que é tornado visível ou mantido fora do campo visual e de que modo essa seleção constrói uma visão particular do tempo, da memória e da mudança social. Como aponta Campos (2013), toda a imagem implica um dispositivo de visibilidade, isto é, uma organização do olhar que estrutura o visível, define o que pode ser mostrado e regula o acesso ao sentido. No caso da obra em análise, esta organização é refletida no enquadramento constante, que limita deliberadamente a perspetiva do leitor a uma fachada fixa. O mundo exterior é apenas parcialmente visível, sendo o tempo e a história construídos a partir das mudanças internas a este recorte visual.

Este ponto de vista fixo, por um lado, foca a atenção no espaço simbólico da livraria (como lugar de cultura, memória e resistência), mas também impede o acesso a outros ângulos da cidade e à complexidade do contexto urbano, criando uma espécie de “cela de observação” da história social. Certos elementos visuais tornam-se persistentes (como o busto de Cronos), enquanto outros desaparecem ou são substituídos silenciosamente (os livros, as figuras humanas, os sinais de vida cultural). O que é visível, neste caso, não é apenas o que está representado, mas aquilo que se transforma lentamente até desaparecer.

O olhar do leitor é orientado pela composição simétrica, pela centralidade da montra e pela estabilidade da estrutura gráfica. Essa estabilidade formal obriga o leitor a percorrer a imagem com atenção, a procurar as diferenças, a notar o que muda e o que se mantém. O dispositivo de visibilidade funciona, assim, como mecanismo de ativação do olhar: a repetição leva à observação intensificada, tornando visível o que, num regime de leitura mais acelerado, passaria despercebido. O mundo representado é construído por gestos quotidianos, variações subtis e personagens anónimas. Este silenciamento da macroestrutura social pode ser lido como um posicionamento ideológico, uma escolha de visibilidade que privilegia o tempo lento da transformação cultural sobre os grandes acontecimentos e que confere ao leitor o papel de testemunha visual de um processo de apagamento simbólico.

Entre os dispositivos simbólicos que estruturam a narrativa visual desta obra, destaca-se a utilização de elementos figurativos discretos, mas culturalmente significativos, que funcionam como marcadores históricos. Como exemplo apontamos o avião de papel à porta da livraria, presente numa das primeiras cenas da narrativa. Este detalhe pode ser lido como uma alusão simbólica ao início da aviação moderna, cujo marco histórico é

frequentemente situado em 1903, com o voo dos irmãos Wright. Ao integrar essa referência num gesto lúdico, a obra transforma um objeto efêmero num índice cultural da modernidade, pela apresentação de um referencial histórico.

Ao longo da sequência narrativa, acumulam-se camadas visuais que remetem para transformações históricas em concreto. No que parece corresponder à segunda década do século XX, a composição da cena é alterada de forma significativa pois onde anteriormente existia um café ao lado da livraria, surge agora uma galeria de arte, sinalizando uma reconfiguração dos espaços sociais e das práticas culturais urbanas. As obras expostas na galeria evocam figuras centrais do modernismo europeu, como Gustav Klimt (1862-1918) e Amedeo Modigliani (1884-1920), cujas mortes coincidem com o final da segunda década do século XX. A presença destas referências visuais, mesmo que indiretas, convoca uma leitura simbólica que articula a memória artística com o ciclo de encerramento de uma época marcada por ruturas estéticas, transformações culturais e eventos históricos traumáticos.

Como observa Rose (2016), a apreensão estética das obras visuais depende de repertórios culturais desigualmente distribuídos e, assim, o acesso à leitura simbólica da galeria será mais ou menos possível consoante a competência visual e cultural do leitor. Neste sentido, a própria galeria funciona como um teste à literacia visual, mobilizando códigos que não são universais, mas historicamente situados. A progressiva substituição das obras expostas sugere, por sua vez, uma transição estética que convoca referências a Kandinsky, Magritte ou mesmo Picasso, sinalizando o surgimento de novos paradigmas visuais. A galeria converte-se num espaço simbólico de visibilidade cultural, onde a imagem atualiza o que Johanna Drucker (2014) designa como formas visuais de produção de conhecimento: um arquivo gráfico que condensa ruturas, permanências e transformações da história da arte. Como afirma esta autora, muitas das visualizações gráficas são, na verdade, “atos de interpretação disfarçados de apresentação” (2014, p. 10). Em *Desde 1880*, a imagem não se limita a mostrar o que é: ela interpreta, seleciona, silencia e constrói um argumento visual.

Figura 2

Livraria e galeria de arte (c. 1910)



Nota: Referências visuais a *Mulher de Olhos Azuis*, de Amedeo Modigliani (c. 1918) e *O Beijo*, de Gustav Klimt (1907–1908) (Gottuso, 2021, pp. 8-9)

Figura 3
Livraria e galeria de arte (c. 1920)



Nota: Referências visuais a *Círculos no Círculo*, de Wassily Kandinsky (1923) e *Os Amantes*, de René Magritte (1928) (Gottuso, 2021, pp. 10-11)

Ao mesmo tempo, esta galeria pode ser lida como espaço de iniciação estética, em que o livro-álbum cumpre uma função museológica simbólica, colocando o leitor, qualquer leitor, diante de obras que remetem para um património artístico partilhável. Relembrando a máxima de Květa Pacovská “um livro ilustrado é o primeiro museu que uma criança visita” (cit. em IBBY, 2023), reconhecemos no livro-álbum um potencial de mediação intercultural, por convidar à fruição estética, à observação reflexiva e ao contacto com formas de expressão que atravessam fronteiras linguísticas.

Paralelamente, a presença de figuras que envergam máscaras ou adotam posturas corporais contidas, introduz elementos visuais, que podem ser lidos como alusão à pandemia de gripe que marcou aquele período, sem que isso seja explicitado verbalmente. Trata-se, aqui, de um gesto visual de evocação histórica, que confere densidade simbólica ao silêncio da imagem e amplia a sua capacidade de significação.

Posição do leitor e participação interpretativa

A narrativa visual construída neste livro-álbum (Gottuso, 2021) apela o leitor para um lugar central na produção de sentido, não apenas pela ausência de texto verbal, mas pela natureza sequencial, repetitiva e simbólica da estrutura gráfica. Sem oferecer uma leitura guiada ou fechada, a obra exige do leitor uma postura interpretativa ativa, capaz de ler nas imagens o que é visível, mas também o que é silenciado, deslocado ou culturalmente codificado. Como referem Nikolajeva e Scott (2006), o livro-álbum contemporâneo tende a abandonar a linearidade narrativa em favor de estruturas verbo-icónicas abertas, que reconhecem no leitor um coautor do processo interpretativo.

Nesta linha de pensamento, torna-se pertinente a análise do modo como o olhar é estruturado visualmente, isto é, como a imagem posiciona o seu espetador. Rose (2016) sublinha que ver não é um ato neutro, já que implica uma organização discursiva que interpela o leitor e o posiciona enquanto sujeito interpretante. No caso do livro-álbum,

este posicionamento é intensificado pela repetição composicional e pela subtileza das transformações visuais, que exigem uma leitura comparativa, atenta e sensível ao detalhe.

Em conformidade com Stuart Hall (2010), os significados não estão inscritos de forma unívoca nos textos (neste caso nas imagens), mas são produzidos no momento da leitura, através de processos de codificação e decodificação que dependem da posição cultural, ideológica e interpretativa do recetor. No caso desta obra, a permanência do enquadramento e a subtileza das variações visuais obrigam o leitor a adotar uma postura intensiva e comparativa, que ativa a memória visual, o conhecimento histórico e a sensibilidade cultural. O gesto de virar a página torna-se, neste contexto, um operador discursivo pois reinscreve o olhar num espaço aparentemente idêntico, mas profundamente transformado. O leitor é posicionado como observador atento e, simultaneamente, como intérprete implicado num processo de mediação simbólica.

Através de marcas visuais reconhecíveis, a montra torna-se um lugar simbólico de inscrição do tempo, da história e da transformação coletiva, funcionando como palco silencioso de mudanças socioculturais. A livraria, sempre ao centro, torna-se um eixo de permanência visual, mas a transformação dos seus elementos, o que entra e o que desaparece, é que constrói o discurso. A organização gráfica da obra, ao mesmo tempo estável e mutável, institui um modo de ver que exige do leitor um envolvimento progressivo com os detalhes e com a lógica interna da narrativa.

Ainda, que Elder (2022) não se debruce diretamente sobre a leitura de imagens, a sua conceção de pensamento crítico como prática ética e cognitiva fundamenta esta dimensão do envolvimento interpretativo. A obra de Gottuso (2021) solicita um olhar que observe, compare, questione e atribua significado de forma contextual, num processo que mobiliza tanto a sensibilidade visual como a atenção crítica às relações entre representação, memória e cultura. O leitor torna-se decodificador e mediador de sentidos, alguém que lê nas imagens não só o tempo que passa, mas também as estruturas que regulam o que é visível e o modo como esse visível se torna simbólico.

Mediar o silêncio: o papel da mediação na leitura crítica de *Desde 1880*

Ler imagens não é um gesto imediato. É um processo exigente que implica atenção, escuta e disponibilidade para construir sentidos onde não há enredo explícito nem discurso textual de apoio. No caso da obra em estudo (Gottuso, 2021) esta exigência torna-se particularmente evidente. A ausência de palavras, que à primeira vista pode parecer um obstáculo, é na verdade, um convite a olhar demoradamente, a interpretar os detalhes, a reparar no que muda e no que permanece. Mas para que essa leitura aconteça em profundidade e se transforme num gesto de pensamento crítico é muitas vezes necessária a presença de um mediador.

A mediação da leitura, neste contexto, não se reduz à explicação da obra ou à orientação da interpretação. Pelo contrário, o papel do mediador é o de criar condições para que o leitor se aproxime da imagem com liberdade, mas também com perguntas. Mediar é abrir o espaço da leitura, é oferecer ferramentas para pensar sem impor sentidos para, mais do que transmitir saberes, criar condições de escuta, encontro e apropriação simbólica (Petit, 2020). E quando falamos de um livro-álbum como o que aqui estudamos, onde o silêncio é tão expressivo quanto a imagem, essa mediação torna-se um gesto de cuidado com a obra, com o leitor e com o próprio tempo da leitura.

Um dos primeiros desafios da mediação de *Desde 1880* é o de desacelerar o olhar. Habitados ao ritmo veloz das imagens digitais, dos fluxos breves e descartáveis dos ecrãs, os leitores mais jovens (e não só) tendem a olhar a imagem como se ela fosse um

objeto transparente: ver, reconhecer, seguir em frente. Este automatismo, enraizado numa cultura visual marcada pela urgência, compromete a escuta e a construção de sentidos (Han, 2023). A mediação deve contrariar essa lógica, convocando o leitor a parar, a demorar-se, a observar e a comparar, devolvendo à leitura o tempo necessário ao pensamento e à presença simbólica (Petit, 2020).

É neste gesto de demora que este livro-álbum revela a sua profundidade. Cada dupla página oferece variações subtis sobre um mesmo cenário. A rua, a fachada, os elementos fixos da arquitetura mantêm-se, enquanto tudo o resto se transforma. São estas transformações que contam a história. Uma história que não é dada, tem de ser construída. E é aqui que o mediador pode intervir de forma significativa.

Pode perguntar, por exemplo: o que mudou nesta nova imagem? O que desapareceu? O que apareceu? Porque será que isso aconteceu? Que época será esta? Que pistas visuais levam a essa conclusão? Estas perguntas não procuram respostas certas, mas sim ativar a leitura, abrir o campo do possível, deslocar o olhar do que se vê para o que se pensa sobre o que se vê.

A mediação também pode estimular a comparação entre diferentes páginas, convidando o leitor a construir linhas narrativas implícitas. Quem são estas personagens? Já as vimos antes? O que terá acontecido entre uma imagem e outra? Que tipo de cidade é esta? Que memórias se projetam neste espaço? E que sentimentos? Quando bem colocadas, estas perguntas transformam a leitura de um livro silencioso numa experiência profundamente dialógica. Entre o leitor e a imagem. Entre o leitor e o tempo. Entre o leitor e a sua própria memória visual.

Esta dimensão dialógica da leitura de álbuns silenciosos encontra eco no estudo de Rosa Tabernero-Sala e María Jesús Colón-Castillo (2024), desenvolvido numa biblioteca rural espanhola. As autoras mostram como a mediação de obras sem palavras pode criar verdadeiros espaços de hospitalidade simbólica, onde leitores de diferentes idades constroem sentidos em comunidade, a partir da escuta mútua e da mobilização dos seus próprios repertórios culturais. A leitura, neste contexto, deixa de ser uma experiência solitária ou codificadora, e transforma-se num ato partilhado de criação narrativa, uma prática interpretativa que aproxima, inclui e reativa o poder simbólico da imagem.

É precisamente esta abertura à pluralidade de leituras que torna *Desde 1880* um objeto especialmente fértil em contextos de mediação. A obra pode ser partilhada com leitores de diferentes idades e percursos: desde as crianças, que podem ser convidadas a observar com curiosidade e a reconstruir histórias a partir das imagens, até leitores adultos que encontrem nas suas páginas um espaço de reflexão sobre o tempo, a cidade, a memória e o desaparecimento.

Em contexto educativo, a obra pode ser articulada com conteúdos de história, artes visuais, educação para a cidadania ou integrada em momentos de leitura partilhada, com foco no desenvolvimento da literacia visual. Neste processo, o mediador deve posicionar-se como alguém que escuta. Que não oferece interpretações prontas, mas que devolve perguntas. Que valida a pluralidade de leituras possíveis, mas não abdica da exigência interpretativa. Porque a mediação não é neutra, envolve sempre escolhas, relações e interpretações, que a tornam cultural e pedagogicamente implicada (Campos, 2013; Petit, 2020).

Esta compreensão da mediação como prática de escuta e ativação simbólica encontra eco em estudos recentes sobre o campo da mediação da leitura em Portugal. Como referido no artigo *Contextos e práticas de mediação da leitura em Portugal* (Mata et al., 2024), mediar a leitura é também intervir na forma como os sujeitos se apropriam simbolicamente do mundo. Uma apropriação sempre ancorada em histórias de vida, em percursos de acesso desigual à cultura escrita e em modos distintos de atribuição de

sentidos. O mediador, neste enquadramento, atua como facilitador de significados, mas também como guardião do tempo da leitura, do direito à dúvida e da possibilidade de escutar com os olhos, sobretudo quando a imagem, como em *Desde 1880*, não oferece caminhos lineares nem respostas imediatas.

Este tipo de mediação, que não pretende simplificar a obra, mas complexificar a experiência de leitura, é especialmente relevante no contexto contemporâneo. Num tempo em que a imagem tende a ser reduzida a uma função, a mediação pode devolver-lhe densidade. Pode restituir-lhe o direito de ser lida e não apenas vista. Pode reativar a sua capacidade de sugerir, de interrogar, de emocionar. A obra pode ser mobilizada em práticas de mediação que ultrapassam a fruição estética, convocando o leitor a refletir sobre processos sociais, históricos e afetivos, como sublinham vários autores ao referirem que os *challenging picturebooks* funcionam como espaços para problematização simbólica e educação crítica (Ommundsen et al., 2022).

A mediação é também, à luz da reflexão de Michèle Petit (2023), um gesto que visa restituir ao leitor a possibilidade de habitar simbolicamente o mundo. Para esta autora, a mediação cultural, sobretudo com obras literárias e artísticas, não tem como objetivo central formar leitores assíduos ou frequentadores de instituições culturais, mas acompanhar os que delas beneficiam, ao longo de toda a vida, mesmo que esqueçam os conteúdos concretos. O que se transmite é um modo de estar no mundo, uma promessa de sentido, uma “arte de viver o quotidiano que escapa à obsessão da avaliação quantitativa” (Petit, 2020, p. 9), um espaço onde se privilegia a curiosidade, o pensamento e a liberdade.

Mediar *Desde 1880* é oferecer um abrigo simbólico, onde o leitor pode entrar, sonhar e regressar. A materialidade do livro-álbum, o gesto de abrir, de virar páginas ou voltar atrás, converte-se numa prática de resistência à fragmentação sensorial e simbólica do mundo contemporâneo.

O papel do mediador, neste quadro, não é o de decifrar a obra, mas o de abrir o espaço da escuta e da confiança simbólica, lançando pequenas pontes entre os leitores e os mundos que habitam ou desejam habitar. Ele empresta a sua voz, a sua atenção, a sua presença, não para controlar, mas para acompanhar. E talvez esse seja o gesto mais profundo da mediação: dar a entender ao leitor que existem lugares onde ele pode ser lido, ouvido, acolhido e que o livro é um deles.

Considerações Finais

Ao escolhermos *Desde 1880* como objeto de análise e mediação, escolhemos também, um certo modo de estar com os livros. Um modo que privilegia o silêncio como espaço de pensamento, a imagem como lugar de construção simbólica e a leitura como prática relacional. Dizemos ao leitor: não tenhas pressa. Não te contentes com o que salta aos olhos. Vai mais fundo. Olha outra vez e vê. Dá tempo ao tempo.

Por tudo isto, mediar a leitura desta obra é, acima de tudo, um gesto de resistência contra a rapidez, contra a distração e contra a indiferença. É um gesto que acredita que a leitura pode ser lenta, que a imagem pode pensar e que o silêncio pode falar muito.

Mais do que uma narrativa sobre a passagem do tempo, o livro de Gottuso (2021) apresenta-se como uma proposta que interpela o leitor enquanto sujeito cultural. Ao abdicar da palavra, a obra amplia o papel da imagem como linguagem plena, capaz de narrar, emocionar, interrogar. Esta escolha implica, necessariamente, uma leitura ativa, crítica e relacional. Como destaca Campos (2013), a imagem não é um reflexo neutro da realidade, mas um artefacto cultural situado, produtor de sentidos e atravessado por

convenções, códigos e disputas simbólicas. Ler criticamente uma imagem é reconhecer os discursos que nela operam, as inclusões e exclusões que expressa, os olhares que legitima ou silencia.

É nesse espaço de leitura simbólica que a mediação adquire relevância. Mediar não é traduzir a obra para o leitor, mas criar as condições para que ele próprio a possa interpretar.

Ao longo deste artigo, procurámos demonstrar que a leitura de *Desde 1880* não se esgota na observação sequencial de imagens, mas convoca um posicionamento hermenêutico, ético e sensível. Analisar o livro-álbum à luz da cultura visual e do pensamento crítico é reconhecer o seu poder de reativar o gesto de ver como prática de sentido. Através da repetição de um cenário, Gottuso propõe uma arqueologia do tempo onde a cidade se torna personagem e o leitor, o coautor desta história.

Neste percurso, o mediador é chamado a criar pausas, a escutar, a lançar perguntas que não esperam uma resposta única. A mediação, enquanto prática cultural, tem aqui o papel de devolver à leitura a sua densidade simbólica e à imagem o direito de ser lida, não apenas vista. A leitura partilhada de *Desde 1880* pode tornar-se um gesto de habitação simbólica do mundo, como sugere Petit (2020), é uma forma de compor um espaço onde o pensamento possa respirar, imaginar e reconstruir-se. As imagens silenciosas e evocativas deste livro-álbum reforçam aquilo que Åse Marie Ommundsen et al. (2023) descrevem como a capacidade dos *challenging picturebooks* de expandir o repertório visual e literário dos leitores, ao exigirem atenção aos detalhes, ambiguidade e polissemia.

Ao articular cultura visual, análise crítica e mediação estética, o presente artigo defende o livro-álbum como espaço de complexidade, de formação simbólica e de resistência. Convida o leitor a abrandar. A regressar às imagens. A ver de novo. E, nesse gesto, a reencontrar não só o tempo da leitura, mas também o tempo interior necessário à construção de sentidos.

Referências

- Beckett, S. L. (2013). *Crossover picturebooks: A genre for all ages*. Routledge Taylor & Francis Group.
- Benjamin, W. (2010). The work of art in the age of mechanical reproduction. Em M. G. Durham & D. Kellner (Eds.), *Media and cultural studies: keywords* (Nachdr, pp. 18–43). Blackwell.
- Campos, R. (2011). Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. *Análise Social, XLVI* (199), 237–259.
- Campos, R. (2013). *Introdução à cultura visual: abordagens e metodologias em ciências sociais*. Mundos Sociais.
- Castro, P. A. e. (2016). Cinema (e filosofia) ou como estimular o pensamento pela imagem. *Revista livre de cinema, uma leitura digital sem medida* (super 8, 16, 35, 70 mm, ...), 3(3), Artigo 3.
- Drucker, J. (2014). *Graphesis: Visual forms of knowledge production*. Harvard University Press.
https://monoskop.org/images/2/2a/Drucker_Johanna_Graphesis_Visual_Forms_of_Knowledge_Production.pdf
- Elder, L. (2022). Critical thinking. Em *Critical thinking*. Routledge.
<https://doi.org/10.4324/9781138609877-REE215-1>
- Gottuso, P. (2021). *Desde 1880*. Kalandraka.
- Greimas, A. J. (1975). *Sobre o Sentido: Ensaio semióticos*. Vozes.

- Gutfreund, D., & Mazzilli, C. D. T. S. (2021). Como o silêncio se manifesta no livro-álbum: Entrevistas e análise de obras. *Blucher Design Proceedings*, 58–59. https://doi.org/10.5151/4spdesign-4spdesign_28
- Hall, S. (2010) [1980]. Encoding/Decoding. Em M. G. Durham & D. Kellner (Eds.), *Media and cultural studies: Keyworks* (pp. 163–173). Blackwell.
- Han, B.-C. (2023). *A crise da narração*. Relógio D'Água.
- IBBY International Board on Books for Young People. (2023, 5 de setembro). *Květa Pacovská: The picture book is the first art gallery a child visits*. IBBY. https://www.ibby.org/es/ibby-blog/post?cHash=869953db7e13184875b25ab1e49c848e&tx_news_pi1%5Baction%5D=detail&tx_news_pi1%5Bcontroller%5D=News&tx_news_pi1%5Bnews%5D=20
- Mata, J. T. D., Neves, J. S., Martins, M. O., Lopes, M. Â., & ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-ISCTE) e Observatório Português das Atividades Culturais (OPAC). (2024). Contextos e práticas de mediação da leitura em Portugal. *Sociologia on Line*, 35, 85–103. <https://doi.org/10.30553/sociologiaonline.2024.35.4>
- Mirzoeff, N. (2023). *An introduction to visual culture* (3.^a ed.). Routledge.
- Mourão, S. (2023). *Picturebooks for intercultural learning in foreign language education. a scoping review*. <https://doi.org/10.48694/ZIF.3620>
- Nikolajeva, M., & Scott, C. (2006). *How picturebooks work*. Routledge Research in Education.
- Ommundsen, Å. M., Haaland, G., & Kümmerling-Meibauer, B. (Eds.). (2022). *Exploring challenging picturebooks in education: international perspectives on language and literature learning*. Routledge.
- Petit, M. (2020). *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural na actualidade* (1.^a ed). Faktoria Ágora K.
- Ramos, A. M. (2020). Hibridismos e contaminações: a propósito do livro-álbum como formato omnívoro. Em *Mix & match: poéticas do hibridismo* (pp. 173–194). Húmus.
- Ramos, A. M., & Navas, D. (2020). Livro-álbum e cinema: um diálogo interartes. *Elos: Revista de Literatura Infantil e Juvenil*, 7, 121–144. <https://doi.org/10.15304/elos.7.6950>
- Rodrigues, A. I. (2022). Métodos e dados visuais em investigação qualitativa: natureza, função e exemplo prático com uso de fotografias. *New Trends in Qualitative Research*, 10, 19. <https://doi.org/10.36367/ntqr.10.2022.e527>
- Rodrigues, C. (2017). Para uma poética do álbum ilustrado: Teoria e crítica em torno de um «metagênero». *Elos: Revista de Literatura Infantil e Juvenil*, 4. <https://doi.org/10.15304/elos.4.4218>
- Rose, G. (2016). *Visual methodologies: an introduction to researching with visual materials* (4th edition). SAGE.
- Santos, B. de S. (2000). *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência* (Vol. 1). Afrontamento.
- Tabernero-Sala, R., & Colón-Castillo, M. J. (2024). Álbum sin palabras y hospitalidad de la lectura: estudio de caso en una biblioteca rural. *Revista Prisma Social*, 45, Artigo 45.